

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

1. **【Introdução】**

Boa noite a todos. Sinto-me extremamente honrado pelo convite para ser palestrante neste prédio magnífico e histórico. Gostaria de falar sobre a modernização do Japão. Antes de iniciar a palestra, queria compartilhar com a plateia um episódio. Exerci o cargo de embaixador da ONU (Vice representante da Missão Permanente do Japão na ONU), entre 2004 a 2006, conforme apresentado. Na época, nosso país, junto a Alemanha, a Índia e o Brasil, tentava reformar o Conselho de Segurança da ONU. Infelizmente a nossa tentativa não obteve êxito, contudo criei uma amizade muito especial com o Brasil. Prezo trabalhar juntos com um objetivo em comum. Não fazem parte dos membros permanentes do Conselho de Segurança os países derrotados na 2ª Guerra Mundial. Fizemos a campanha de reforma argumentando também pela inclusão dos países africanos. Nossa reivindicação teve certa aceitação, entretanto não alcançamos nossa meta de reformar. Por outro lado, o Brasil se mostrou um ótimo parceiro e tenho certeza de que assim será ao Japão para sempre. Estou certo de que a realização de minha palestra hoje está dentro deste contexto.

Bom, este ano tem sido de grande mudança ao Japão. A era “Heisei” mudou para “Reiwa”. No Japão usa-se dois modelos de calendários, ou seja, no calendário gregoriano estamos em 2019, que corresponde ao 1º ano da era “Reiwa”. O calendário japonês se alterna com a entronização dos imperadores. Desta forma, como 2019 é o primeiro ano da entronização do novo imperador, passou a ser chamado de 1º ano Reiwa. Como a entronização se deu em maio de 2019, o ano também é o último e o 31º ano da era Heisei. De fato, na história do mundo este sistema de calendário, que se alterna de acordo com a sucessão do reino ou império, não é exclusividade japonesa. Contudo creio que seja nossa exclusividade por se tratar de sistema hoje ainda vigente. É um

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

pouco complexo mas acho diferente e interessante.

Recentemente em 22 de outubro, foi celebrada a “Sokui Reiseiden no Gui”, trata-se de uma cerimônia de proclamação da entronização do novo imperador, interna e externamente ao Japão. Prestigiaram o rito cerca de 2000 representantes entre os quais as autoridades dos 3 poderes e governos regionais além dos 423 líderes de 191 países e organizações internacionais. E o 38º Presidente Jair Messias Bolsonaro representou a República Federativa do Brasil. Eu tive a honra de participar.

Sua Majestade esteve em pé no trono “Takamikura” que simbolizou a entronização, onde proclamou sua sucessão. Pude observar o trono de perto, trata-se de uma peça extremamente admirável. Seu pronunciamento foi encerrado com seu voto para “contribuir pela amizade e paz da comunidade internacional, e pelo bem-estar e prosperidade da humanidade”.

Muitas instituições do regime imperial remontam suas origens aos séculos 7 e 8, contudo o regime imperial tem uma longa história de mais de mil anos.

O atual trono “Takamikura” foi utilizado em 1915 pelo bisavô do novo imperador, o imperador Taisho, quando se entronizou. Não consegui ver direito pois meu assento era bem no canto, porém pude admirar, pelo telão, sua estrutura extremamente sofisticada.

Vou falar sobre a origem do nome “Reiwa”. Foi buscado na Man-Yo-Shu, a coleção poética mais antiga do Japão. Reiwa significa a harmonia e a paz. Man-Yo-Shu foi criada entre os séculos 7 a 8, trata-se de uma antologia mais antiga do Japão, há cerca de 1200 anos atrás. A antologia reúne mais de 4500 poemas de autoria das classes sociais mais variadas desde a família imperial, os nobres,

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

até os lavradores do campo. Um raro trabalho, entre os clássicos do mundo, que compilou muitas poesias e literaturas de pessoas desconhecidas. Trata-se, ao mesmo tempo, de literatura relativamente simples que os jovens, mesmo alunos de ensino fundamental seriam capazes de compreender e se emocionar, com um pouco de estudo sobre o tema. Um ótimo exemplo, ao lado do regime imperial, da continuidade cultural do Japão.

Dois anos atrás, no ano retrasado, o casal do atual imperador emérito prestigiou a exposição fotográfica alusiva ao 50º aniversário de sua primeira visita ao Brasil, realizada na Embaixada Brasileira em Tóquio. De fato, a família imperial mantém uma relação muito afetiva e profunda com o Brasil. Pois há a profunda gratidão ao país que recebeu e acolheu como seu povo centenas de milhares de imigrantes japoneses. Já me disseram que a família imperial considera o Brasil como o destino de primeira viagem internacional dos seus filhos, demonstrando o nível de importância dado ao Brasil.

Em março do ano passado, o então príncipe herdeiro e atual imperador participou do 8º Fórum Mundial da Água em Brasília. O então príncipe herdeiro estudou sobre o rio Tâmesa na universidade de Oxford. A água é indispensável à vida e o atual imperador é um pesquisador ativo sobre a água em termos de prevenção de desastres na qual costuma tomar a liderança na sociedade internacional.

Mudando de assunto, veio a falecer no mês passado a Sra. Sadako Ogata, ex-presidente da JICA e ex-alta comissária das Nações Unidas para os Refugiados. Foi uma das líderes mais renomadas da sociedade internacional. Faleceu com 92 anos. Uma pessoa de contribuições imensuráveis e atuações grandiosas com

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

eminente liderança como alta comissária das Nações Unidas para os Refugiados na década de 1990, nos vários conflitos ocorridos após o término da Guerra Fria.

Em 2017, o governo brasileiro condecorou a Sra. Sadako com a “Ordem do Rio Branco de grau Grã Cruz” por motivo de relevantes contribuições na área dos direitos humanos. Desta forma, nossos países mantêm uma conexão muito forte. Como presidente da JICA, prezou as ações nos campos em prol da “Segurança Humana”. Rezo pela paz do espírito da saudosa Sra. Sadako com a memória de suas contribuições à humanidade.

Vamos falar de esportes. Qualquer pessoa no mundo diria que o esporte que mais lembra o Brasil é futebol. Os brasileiros nos ensinaram muito sobre o futebol. Por outro lado, japoneses também são bons em outras modalidades, por exemplo, o vôlei. Hoje o Brasil é superior a nós no vôlei, porém no passado não muito distante fomos uma potência, além de o Japão ter contribuído para a ascensão do Brasil na modalidade.

Nas Olimpíadas do Rio em 2016, Rafaela Silva conquistou a medalha de ouro na categoria 57kg do judô feminino. É um feito que merece grande comemoração. Considero uma conquista nipo-brasileira, pois a técnica da Rafaela foi Yuko Fujii, uma japonesa. Sabiam que o Brasil hoje tem a maior população de praticantes de judô do mundo? Espero excelentes desempenhos nas Olimpíadas de Tóquio em 2020.

2. A relação da JICA com o Brasil

Esta é minha 2ª visita ao Brasil e estou aqui de volta a São Paulo após 2 anos e meio desde a última visita.

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

Dois anos e meio atrás, tive a oportunidade, junto ao Dr. Ninomiya, de visitar a cidade de Santos onde pude conhecer o monumento da chegada do 1º navio de imigrantes, o Kasato-maru, bem como ouvi várias histórias de pioneiros japoneses no Lar dos Idosos. Fiquei especialmente impressionado quando soube dos grandes trabalhos que os nikkeis vinham desenvolvendo em Tomé Açú, PA.

Temos o programa de policiamento comunitário (Koban). Koban é, em outras palavras, o conceito de prevenção de crimes através de organização policial permeada nas comunidades locais. Tive a impressão de que o programa apresenta resultados significativos. Atribuo grande parte do êxito à parceria e compreensão da contraparte brasileira.

Outro grande projeto da JICA no Brasil é o rebaixamento da calha do rio Tietê. Fico extremamente feliz com o fim dos transbordamentos que frequentemente atormentavam a população paulista, através de nossa cooperação. Foi nesta visita, quando passávamos de carro na região, me disseram que “aqui antigamente era o rio!”, quando me recordei deste projeto.

Sinto-me honrado também pelo PRODECER, um grande projeto conjunto com o Brasil. Foi fundada uma empresa operadora como PPI bilateral para se encarregar do amplo recrutamento de produtores para se instalar no cerrado. E a orientação rural também era o atributo desta empresa. Na Embrapa, os pesquisadores de ambos os países desenvolviam os estudos de melhoramento de solo e dos cultivares como a soja. Os recursos necessários à agricultura eram financiados com juros baixos.

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

O êxito do PRODECER encorajou muitas empresas a se instalarem na região tornando o Cerrado uma terra fértil e verde, bem como fez grandes contribuições à segurança alimentar no mundo. É considerado pelos agrônomos como um dos projetos mais importantes da história da agricultura do século 20. Apresento meus agradecimentos ao Magnífico Reitor que fez a referência a este projeto em seu discurso de abertura.

Este ano comemoram-se os 90 anos de imigração japonesa na Amazônia. Conforme dito anteriormente, tive o prazer de visitar a Comunidade Nikkei em Tomé Açú da Amazônia onde pude conhecer de perto o sistema agroflorestal, uma técnica de manejo da agricultura tropical concebida através de trabalhos árduos dos nikkeis, sua cooperativa, bem como vários brasileiros. Eu, como presidente da JICA, visitei o berço da imigração japonesa na Amazônia após longos 18 anos desde a última visita de outro presidente. Fiquei extremamente sensibilizado por tudo nesta visita.

3. 【Lembranças dos Srs. Fujita e Ninomiya】

Bem, vamos voltar a minha história com os Srs. Fujita-san e Ninomiya-san. Meu primeiro contato com o Brasil remonta a mais de 40 anos atrás, em 1973, quando eu era estudante de pós-graduação da Universidade de Tóquio. Um belo dia, fui chamado por um professor que me pediu para ser colega de dois bolsistas daquele país. Foram eles, Fujita-san (Sr. Edmundo Susumu Fujita), diplomata, e Ninomiya-san (Dr. Masato Ninomiya), um jovem acadêmico naquela época. Fui incumbido a ser tutor de japonês do Fujita-san. Eles eram jovens enviados pelo governo brasileiro com o intuito de formar especialistas sobre o Japão.

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

A propósito, no Brasil o status de diplomata é extremamente elevado. Em qualquer país, é dado que os diplomatas ocupam uma posição de respeito, contudo, quem detém o poder de fato são o ministério de economia, os militares e a polícia. A situação do Brasil é um pouco diferente e os diplomatas ocupam uma posição realmente elevada, onde não se via a presença de nikkeis. Fujita-san foi o primeiro nipo-brasileiro a se tornar diplomata. Ouvi dizer que o Concurso de Admissão para a Carreira de Diplomata no Brasil é bastante difícil. Fujita-san é formado pela USP e tornou-se o primeiro nikkei a ser aprovado no concurso com destacado desempenho. Em sua carreira diplomática, exerceu os importantes cargos de Secretário para Ásia e Oceania no Itamaraty, e de embaixador na Indonésia e na Coréia do Sul. Em 2016 veio a falecer, deixando saudades a muitos. Foi quando havia passado meio ano após eu assumir a presidência da JICA. Não pude me despedir no enterro, porém estava determinado a realizar um projeto em homenagem ao saudoso amigo. Esta determinação resultou na “Cátedra Fujita-Ninomiya”.

Ninomiya-san também é formado pela USP. Naquela época, defender a tese de doutorado na Universidade de Tóquio provavelmente era o processo mais difícil no mundo. Pois o doutorando era obrigado a dominar primeiro os direitos da Alemanha, França, Grã-Bretanha e dos Estados Unidos que deram a base ao sistema japonês, o que era naturalmente mandatário. E além disso, tinha que imprimir sua originalidade no trabalho. Até então os estudantes da Coréia e Taiwan, ou seja, países que usam kanjis, tinham defendido as teses, mas ninguém de outros países. Ninomiya-san foi o primeiro. Sem dúvida, a façanha foi o resultado de um grande talento, mas com inimaginável esforço e transpiração. Eu o respeito profundamente.

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

Ninomiya-san foi muito querido no Japão, recorde-me da grande despedida quando retornou ao Brasil. Desde então mantenho a amizade e estreito contato com o Dr. Masato que se tornou também professor extraordinário de nossa universidade.

Ninomiya-san não é somente um professor da USP e advogado, sempre se empenhou nos mais diversos temas e questões entre o Japão e o Brasil. Sem exagero, não há ninguém que viva entre os dois países que nunca teve algum apoio do Ninomiya-san. É uma pessoa de confiança do imperador e imperatriz eméritos. É o intérprete habitual dos Presidentes além de ser tradutor e difusor dos poemas das altezas ao público brasileiro. O episódio mais recentemente foi que Ninomiya-san teve de prolongar sua estadia no Japão por pedido do Presidente Bolsonaro para ser seu intérprete na Cerimônia de Proclamação da Entronização.

Ambos os senhores se empenharam, como nikkeis, em prol do estreitamento das relações entre Brasil e Japão. Homenagear meus dois amigos cujas vidas e trabalhos sempre valorizaram os laços entre os dois países, transmitir seus ideais para as próximas gerações e formar seus sucessores, são os motivos pelos quais concebi a “Cátedra Fujita-Ninomiya” aqui na USP. Apesar da relação bilateral forte e estreita, sempre senti que poderia fazer algo mais nas áreas acadêmicas. A Cátedra se materializou graças à USP que gentilmente concordou com o projeto. Estendo minha gratidão ao Banco Mitsubishi UFJ e outras empresas pelo grande apoio à Cátedra. Aproveito o ensejo para reiterar minha profunda gratidão a esta conceituada universidade e todos os senhores que têm apoiado este importante projeto.

4. **【Modernização do Japão】**

(1) Restauração Meiji

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

Hoje gostaria de falar sobre a Restauração Meiji que foi o importante ponto de transição a partir de quando se iniciou a modernização o Japão. Há 151 anos atrás, em 1868, deu-se uma enorme mudança política. Em japonês pronuncia-se “Meiji Ishin” e em inglês *Meiji Restoration*. Em português também foi adotado o mesmo termo Restauração. *Restoration* tem significado de retornar às condições antigas. O então governo adotou propositalmente este termo no sentido de voltar ao regime político correto. Na época, falava-se em Retorno de Poder Político e Governamental ao Imperador. Contudo, na verdade “Meiji Ishin” foi uma revolução extremamente drástica. Em 1868 foi proclamado o “Ousseï Fukko” (Retorno de Poder Político e Governamental ao Imperador). Significava o fim do xogunato Tokugawa que se perpetuara por 260 anos. A denominação do Governo Edo é oriunda de sua capital Edo. Só isso já era uma tremenda reviravolta, contudo representava o encerramento do domínio dos samurais que durara 700 anos.

Em 1853, um militar americano chamado Perry fora ao Japão para reivindicar a abertura do país. Como o Japão até então se mantinha fechado aos estrangeiros, a vinda do navio americano causou uma grande algazarra. A partir deste episódio, em apenas 15 anos o xogunato caiu. Gostaria de falar sobre as grandes reformas realizadas no Japão na sequência.

Dois feudos, Satsuma e Choshu, lideraram a campanha que derrotou o Xogunato. O Japão naquele tempo era composto por vários hans, territórios feudais (variavam entre 260 a 300 hans). Apenas dois *hans* (territórios feudais) regionais derrubaram o grande poder centralizado. No entanto, se era só isso, seria apenas a alternância de poder. Mas o novo governo, 3 anos depois, foi muito além, aboliu todos os territórios feudais. Os daimyos

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

(senhores feudais) dominavam seus territórios desde os séculos 12 ou 13. O novo governo de Meiji os arrancou de seus hans e transferiu à capital Tóquio. Ou seja, tratava-se de uma enorme mudança que aboliu o sistema duradouro de quase 7 séculos.

No Período Edo, a sociedade era dividida em classes compostas por Samurais, Lavradores, Artesãos e Comerciantes. Também foi abolido. Não acham dramático? O que possibilitou esta mudança dramática foi a ameaça das potências ocidentais. O novo governo pensou que o antigo sistema seria o empecilho para unir a força do povo para se enfrentar as potências ocidentais e correria o grande risco de ser colonizado.

O novo governo avançou na modernização política do país e em 1885 foi criado o moderno Sistema de Gabinete Parlamentar. No ano 18 da era Meiji, ou seja, em apenas 18 anos da revolução constituiu o moderno sistema de gabinete parlamentar. Hirobumi Ito que assumiu com 44 anos o cargo de primeiro Primeiro Ministro, era da classe mais baixa entre os samurais. Mais especificamente Ito foi da classe Ashigaru que ficava abaixo de Samurais, que era tão inferior que nem era permitido cavalgar. Então se fosse no período Edo jamais assumiria o cargo tão alto. Aconteceu uma quebra de paradigma revolucionária. Isto mostra que nascera no Japão o sistema no qual a capacidade era considerada apesar da classe social. Em 1889, 22º ano da Era Meiji, foi promulgada a Constituição Meiji. Além dos países europeus, a Turquia teve sua Constituição, porém não se consolidou. O Japão foi, de fato, o primeiro país a ter Constituição além do ocidente.

A Restauração Meiji ainda nos surpreende por mais aspectos. Desde o período terminal do Xogunato até que as instituições políticas foram criadas, é natural que houvesse derramamento de

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

sangue em alguns acontecimentos, contudo foram registradas aproximadamente 35 mil mortes. Para uma revolução, este número não é grande.

Durante a Revolução Francesa, conhecida como muito sangrenta, incluindo a Guerra Napoleônica, morreram aproximadamente de 3 a 4 milhões de pessoas, número 100 vezes maior que a Restauração Meiji. A Revolução Russa incluindo o Grande Expurgo de Stalin, matou algumas dezenas de milhões de pessoas. Na Revolução Cultural Chinesa também morreram dezenas de milhões de pessoas. A pergunta que fica aqui é, por que morreram, então, menos pessoas na Restauração Meiji? É uma questão muito importante ao analisar este evento histórico.

(2) Os legados da Era Edo

Preciso explicar sobre o Período Edo antes de falar sobre a Era Meiji. Um aspecto muito curioso na política de Edo foi a divisão entre AUTORIDADE e PODER. A AUTORIDADE era do imperador que residia em Kyoto, enquanto o PODER era exercido pelos samurais. No Período Edo, existiam aproximadamente 300 territórios feudais dominados pelos clãs de mesmo número.

Cientistas políticos e historiadores chamam este regime de feudalismo. No mundo todo existiram vários sistemas feudais, no Japão e na Europa também. O feudalismo do Período Edo era caracterizado pelo poder extremamente grande centralizado no Xogunato Tokugawa. Os Daimyos (senhores feudais) regionais eram obrigados a ir morar em Tóquio a cada dois anos. *Sankin-Kotai* era o nome desta obrigação imposta pelo Xogunato que os enfraquecia financeiramente devido às grandes viagens de ida e volta a cada ano. Esta obrigação foi um dos segredos que

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

garantiam a hegemonia do xogunato. A outra obrigação imposta aos clãs era fazer com que a esposa e o primogênito morassem em Tóquio. O poder central os mantinha como reféns com o objetivo de que os clãs enfraquecessem financeiramente e conseqüentemente poder controlá-los com maior facilidade.

Por outro lado, os feudos, em seus territórios, exerciam forte poder, os castelos eram construídos e os samurais eram ordenados a morar em seu entorno. Foi também por ordem do xogunato que os castelos eram construídos. Os castelos japoneses são lindos. Lindos porque foram construídos após a guerra. Nesse período nasceu a economia consumidora. Até então os samurais produziam seus alimentos e quando começavam as guerras iam para batalhas, contudo a partir desse período tornaram-se apenas consumidores. Os lavradores viviam na zona rural. Nasceram as cidades de castelos, de onde começou o desenvolvimento econômico.

Outra importante política na Era Edo foi o Sakoku, fechamento pacífico do país. Os países católicos como Portugal e Espanha eram vistos como ameaças que poderiam trazer o cristianismo. Mas mesmo praticando tal política, mantinha relações diplomáticas com a Coréia, China e Holanda. Os holandeses, protestantes, eram permitidos a fazer negócios com o Japão em um único local chamado Dejima, na atual província de Nagasaki, por não serem católicos que na época o Xogunato hostilizava. Sakoku e Dejima são fatos históricos muito curiosos.

Durante 260 anos da Era Edo, por incrível que pareça, o Japão foi um país muito pacífico sem grandes conflitos bélicos. Um fato extremamente raro na história da humanidade.

Conseqüentemente o país prosperou muito. Os daimyos

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

regionais competiam entre si para desbravar terras e aumentar os campos produtivos. O ferro se transformava, em vez de espadas, em enxadas e arados com os quais aravam a terra. Na guerra os samurais subtraíam os produtos nas vilas rurais, e sem guerras, os lavradores podiam se concentrar na produção e conseqüentemente aumentou a produção de arroz. O que se comprova com o grande aumento demográfico, que mais que dobrou em apenas 100 anos, de 12 a 13 milhões para 31 milhões de habitantes. Um número muito elevado para o período pré-moderno.

Com a paz se viu o surgimento do terakoya (escolinha no templo budista) e o aumento do nível de alfabetização. No início da Era Edo, existia grande número de analfabetos até entre os samurais, os terakoyas contribuíram na formação da população em leitura, escrita e contas matemáticas utilizando o ábaco. Com isso existe registro de que no final da Era Edo, a metade dos homens e 30 % das mulheres sabiam ler e escrever. Trata-se de percentuais altos para o período pré-moderno. Ter a população alfabetizada significava a possibilidade de fazer administração pública por meio de documentos. As leis e normas eram divulgadas rápido e amplamente através de instrumentos escritos tornando assim a administração ágil e precisa.

Também foi o período em que a cultura se desenvolveu muito chegando a sua maturidade. As artes como Kabuki e Ukiyoe, conhecidas amplamente no mundo, nasceram neste período na classe média. Katsushika Hokusai e Ito Jakuchu são os artistas deste período até hoje muito conceituados no mundo. O desenvolvimento da arte, na maioria das vezes na história, se dá sob a tutela do rei ou da aristocracia. O que não aconteceu com a ascensão de kabuki e ukiyoe que nasceram entre os plebeus e se

viu até a adesão da classe samurai. Trata-se de um fenômeno muito a vanguarda. Neste contexto, o estudo naturalmente se desenvolveu formando gradativamente a consciência de um só país. Até então o sentimento de pertencimento das pessoas era para os “Hans”, território feudal, tais como “eu sou do Satsuma han, ou “do Choshu”. Mas foi culminando a consciência de pertencer ao Japão.

Sankin-Kotai, Sistema de Presença Alternada em Edo, que foi a estratégia para controlar os Daimyos acabou contribuindo para o desenvolvimento de viagem e turismo. Como seus subprodutos os transportes e as hospedarias também foram melhorados. Com isso a cultura de Edo se difundiu às outras regiões com maior velocidade fazendo com que nascessem os padrões culturais de abrangência nacional.

Comentei, há pouco, do desenvolvimento de transporte. Por exemplo o famoso santuário de Ise fica a 400 km de Edo e no período Edo era possível uma mulher sozinha viajar este percurso. O Japão foi um raro país no mundo onde as mulheres conseguiam viajar com segurança sem acompanhamento masculino.

Ademais, a política de Sankin-Kotai acabou formando as comunidades intelectuais dos Daimyos onde as opiniões eram trocadas. Sem dúvida, este intercâmbio intelectual entre os feudos regionais preparou o terreno para a Restauração Meiji.

Mas também havia aspectos negativos.

A tecnologia militar se viu estagnada. Decerto, o nível tecnológico das armas não evoluiu quase nada desde 1600 até o final da Era Edo. Será possível as armas não mudarem durante mais de 200 anos? No início do Século 17, o Japão era maior potência militar do mundo. Estimativa do número das armas de fogo mostra superioridade em relação a quaisquer países. Contudo,

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

nos meados do Século 19, a tecnologia militar do Japão se via muito atrasada além da limitada técnica de navegação como resultado do Sakoku. As embarcações que o Japão possuía na época que o Almirante Perry chegou com seu navio de aço, eram 10 vezes menores que o navio americano. O fechamento do país, Sakoku, comprometeu o desenvolvimento da técnica de navegação. Havia o transporte marítimo apenas nos litorais do país, enquanto os países europeus melhoraram muito. Ou seja, o Japão se fragilizou muito neste período.

Como a economia era basicamente monocultura de arroz, não se viam outras indústrias crescerem. Não se repetiu no Japão o processo que era comum na Europa, ou seja, do crescimento da burguesia, recolhimento de tributos, reivindicação à participação na política, e conseqüentemente a evolução do parlamentarismo.

A liberdade de estudo era limitada. Na época o confucionismo era a única ciência legítima, sendo que todas as outras ciências eram proibidas. A liberdade de participação política também era muito limitada. Não era permitido criticar o governo, além do fato que pouquíssimas pessoas, entre os samurais, tinham acesso à política.

São alguns aspectos negativos do período Edo. Hoje em dia, muitos japoneses avaliam a Era Edo apenas de forma positiva, no entanto é preciso também ter olhar crítico aos aspectos negativos.

Neste contexto histórico, um setor científico estava aberto ao exterior, mesmo que de forma tímida, tendo significado relevante. Esse setor foi o da medicina. Ao presenciar a operação para o estudo de anatomia humana, ficaram espantados com a precisão dos livros holandeses, o que os motivou a aprender daquele país

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

que estava muito a frente. Em Osaka, havia uma escola do Ogata Koan, um médico da medicina holandesa, denominada Teki-juku. A Teki-juku formou vários homens extraordinários da história do Japão.

Um dos formados famosos da Teki-juku é Omura Masujiro. Formou-se como médico, porém se tornou um genial treinador e orientador militar de Choshu. Omura estudou a língua holandesa e construiu uma embarcação a vapor baseada apenas nos conhecimentos obtidos de livros. É o pioneiro que desenvolveu posteriormente o sistema de recrutamento militar. Omura era totalmente convencido de que os bushis (guerreiros) são inúteis em guerras. Pois os bushis são estruturados por status. Omura pensava que a organização militar deve ser estruturada de acordo com as capacidades para ser eficiente em guerras. Por isso, Omura aboliu o sistema de status e tentou organizar o sistema militar orientado por capacidades. E isto é um dos motivos pelos quais a dramática quebra de paradigma na qual a capacidade de pessoa substituiu o status social nos sistemas durante a Restauração Meiji.

Fukuzawa Yukichi talvez seja um personagem mais conhecido pelas pessoas que já estiveram no Japão. É aquele senhor da nota de 10.000 ienes. Foi o pensador de maior influência intelectual na modernização do Japão. Yukichi também é o fundador da Universidade de Keio. Viajou 3 vezes ao exterior no final do período xogunato. Yukichi que dominava a língua holandesa, ao visitar o porto de Yokohama, um dos poucos abertos ao comércio exterior na época, ficou chocado por não entender nada do que estava escrito nas placas. Pois a língua era inglesa. O episódio fez com que Yukichi tomasse a decisão de estudar inglês.

Fukuzawa foi aos Estados Unidos como assistente da 1ª Missão

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

de Bolsistas àquele país. A primeira pergunta que ele fez ao chegar foi “Onde vivem e o que fazem os descendentes de George Washington?”. Foi assim que tomou conhecimento do sistema político que não fosse hereditário.

Eu também escrevi um livro sobre Fukuzawa Yukichi. A grandeza e seriedade das questões enfrentadas e a profundidade das respostas por ele demonstradas tornam Yukichi o intelectual de primeiro nível. Yukichi, a partir de seus 30 anos, publicou os best-sellers “Recomendação de estudo” e “Teoria Sintética de Civilização”. Nestes trabalhos Yukichi identificou e mostrou as características da civilização japonesa comparando com as das europeias, ao mesmo tempo tinha um senso afiado ao apontar as características da política japonesa e discutiu o que era necessário em prol do desenvolvimento do Japão. Este tema não é exclusividade do Japão. Quais são as diferenças entre o ocidente e não-ocidente? É possível a modernização do mundo não-ocidental? Se ampliarmos a discussão até estes questionamentos, passa a ser um tema com significado da história do mundo.

Hoje não vou entrar em detalhes do porquê da vitória de Choshu e Satsuma, mas de forma resumida, o Xogunato de Edo era colossal, contudo sua organização era por regime de status. O Comandante só podia ser uma pessoa de alto status, enquanto as de baixo status eram soldados. Mas este sistema não funcionava mais.

Satsuma e Choshu quebraram este paradigma e convocaram todas as pessoas com ideal. Choshu organizou uma tropa formada exclusivamente por pessoas de classes não-samurais. Abriu a porta para as pessoas se promoverem além de seu status social. Deram e treinaram eles com as armas avançadas compradas dos europeus, derrotaram o Xogunato.

(3) Estabelecimento do Governo da Restauração Meiji

Desta forma, o novo governo foi estabelecido em 1868. Em seguida foi publicado o “Juramento Imperial de 5 artigos”, que traduzia as diretrizes políticas do imperador. Entre os cinco artigos se destacam dois.

O primeiro artigo determina “deliberar os temas com base nas amplas discussões, sem cair na ditadura”; e

E o quinto artigo sugere a abertura do país para introduzir excelentes conhecimentos do exterior proporcionando maior desenvolvimento do Japão.

O governo, sob a autoridade imperial, aboliu domínios feudais e estabeleceu províncias. Transformou 300 hans em 300 províncias. Os senhores feudais foram transferidos para Tóquio e os servidores públicos foram nomeados pelo governo central e distribuídos em cada um dos hans. Os líderes regionais que eram hereditários foram substituídos por servidores públicos nomeados pelo governo central. Trata-se de uma revolução por poder centralizado. Este sistema foi introduzido em agosto de 1871, mas o mais surpreendente foi que apenas 3 meses depois a Missão Iwakura foi enviada ao exterior.

A abolição dos domínios feudais e estabelecimento de províncias foi uma grande revolução pois tirou a autoridade dos líderes regionais de hegemonia centenária e os trouxe para Tóquio. Mas o governo, antes mesmo de acalmarem os ânimos após esta reviravolta, mandou a Missão Iwakura composta por várias pessoas importantes do governo para conhecerem os países

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

avançados. Aproximadamente a metade dos principais membros do governo, tais como Iwakura Tomomi, Okubo Toshimichi e Kido Koin, foram estudar fora do país durante 1 ano e 10 meses. A vontade de conhecer a civilização ocidental, ver de perto os países europeus, o que motivou a missão a viajar por longos um ano e meio. Tratou-se da busca da direção futura do estado. A necessidade era iminente.

A Missão Iwakura culminou na política de criação e fomento da indústria. A política antes da Missão era liderada pelo ministério da indústria com foco nas ferrovias, mineração, entre outras, com o objetivo de incentivar a integração política e econômica do país. A política de criação e fomento da indústria começou a caminhar a passos largos após o retorno da Missão. A implementação das políticas foi liderada por Okubo e o Ministério de Assuntos Internos estabelecido em 1873. Ao compreender que para se fortalecer militarmente, seria necessário se fortalecer economicamente e para isso a primeira tarefa era melhorar a infraestrutura social, o estado se determinou a tomar os riscos iniciais como empreendedor. Okubo visitava as feiras à procura de sementes e mudas de boa qualidade. Após retornar ao país, fundou a escola agrícola particular para fomentar o ensino de agricultura.

Como mostrei agora, Okubo trabalhou para fomentar a indústria, mas não foi fácil. Entre a antiga classe de samurai haviam os que insistiam que a cultura prevaleceria e daí surgiu o projeto de domínio da Coreia. Naquela época a relação entre os dois países era tão hostil que a Coreia nem respondia aos ofícios enviados pelo Japão. A ala japonesa que repudiava esta postura da vizinha articulou o uso de força militar para obrigar a abertura da Coreia. Saigo Takamori, o maior herói na derrota do xogunato, finalmente acabou aderindo a essa vertente. Contudo, apesar da

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

diferença das posições, ambos os lados prezavam a educação. Por exemplo, na agricultura, o governo investiu na fazenda estatal de referência, escola estatal agrícola bem como projeto de irrigação. No setor industrial, após a Missão, foi dado o incremento na política construindo várias fábricas estatais de referência.

À Missão acompanharam bolsistas também e para a surpresa, levaram até meninas novinhas considerando a importância futura da educação de mulheres. Entre os 40 bolsistas no total, tinham 4 a 5 meninas e moças das idades entre 6 a 14 anos. Uma delas, Tsuda Umeko, depois de concluir o colégio e a faculdade, fundou a conceituada Universidade de Tsudajuku visando a importância de as mulheres também estudarem. A viagem evidenciou frequentemente a força da Europa e os Estados Unidos, fez com que os integrantes sentissem o atraso do Japão. E com profundo sentimento de vergonha, o forte desejo de superar esta situação tomou conta de todos.

O Japão, em princípio, tomou várias iniciativas. Por exemplo, deu foco no ensino fundamental. Em muitos países os reis e aristocratas tendem a começar com o ensino superior construindo universidades. Provavelmente o Japão foi o primeiro país que priorizou o ensino democrático a todos principalmente com foco no início precoce do ensino das crianças.

Naquele tempo, o ensino era financiado pelo governo local e costumava ser caro porque a escola tirava a mão-de-obra infantil. Mesmo assim, a rede de escolas se expandiu rapidamente. O que ajudou a rápida disseminação foi a tradição de Terakoya, escolas mantidas pelos templos budistas, desde a Era Edo. Já existia a cultura de crianças frequentarem a escola. Se não fosse esta cultura tradicional, o fomento do ensino ficaria mais trabalhoso

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

mesmo argumentando que o estudo ajuda a promoção profissional.

Investiram também no ensino superior. Traziam de fora os professores de mais alto renome e pagavam salários melhores que o do primeiro ministro para darem aulas em inglês, alemão ou francês. Depois de uns 10 anos, escolhiam os estudantes competentes e promissores e os mandavam ao exterior para formação e ao retornar substituíam os professores estrangeiros.

Com tempo, o ensino superior no Japão passou ser lecionado exclusivamente em japonês. O resultado disso é que o domínio de inglês do povo japonês deixa a desejar. Contudo o ensino superior ficou disponível para a população maior.

Era necessária, além de escolas, a educação dos adultos. O governo envidou esforços na formação de jornais e revistas. Muitos súditos do lado do Xogunato foram pioneiros nos jornais. Eles tinham melhor conhecimento sobre o ocidente comparados aos samurais anti-xogunato, e estavam dispostos a cooperar na modernização do país. No entanto, muitos não consideravam virtuoso ingressar no novo governo, ou então não foram bem aceitos. Para estas pessoas, a ideia de participar e se empenhar na modernização do país através do jornalismo era atraente. Uma curiosidade, a característica oposicionista do jornalismo japonês tem uma de suas origens neste processo histórico. O serviço militar também ajudava na educação dos adultos. Aos jovens oriundos da zona rural, o serviço militar é a primeira oportunidade de vestir roupas ocidentais e dormir em uma cama. A língua japonesa padrão foi desenvolvida por conta dos soldados de origens e dialetos mais diversos.

O fim da hereditariedade e abertura da educação a quaisquer status social, nascimento do jornalismo, entre outras investidas, a

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

política de mobilização da energia popular teve um grande êxito. Entre a população um anseio explosivo para promoção social. Aos jovens talentosos e ambiciosos que até então se sentiam impotentes diante do obstáculo feudal do status social, a política do novo governo apareceu como uma grande revelação.

Naturalmente tudo isso gerou fortes resistências e reações. Por exemplo, implodiu a Guerra de Boshin e com isso o poder militar do governo fortaleceu. A potência militar maior atçou o movimento expansivo ao exterior, tornando a diplomacia com a Coréia mais tensa, contudo Okubo Toshimichi novamente mostrou sua liderança para focar as atenções nas questões internas e assim conter a vontade expansiva.

Mas finalmente eclodiu a Guerra de Seinan. O novo governo aboliu o território feudal “han” e passou a recrutar os soldados das outras classes sociais, o que conseqüentemente deixou os samurais, guerreiros hereditários, desempregados. A situação deixou a classe samurai extremamente insatisfeita e irritada e em 1877, ano 10 da Era Meiji, eclodiu a Rebelião de Satsuma tendo como líder o herói da Restauração Saigo Takamori.

O placar era a tropa com a tradição de mais forte e valente Satsuma, contra a tropa híbrida do novo governo que contava com os lavradores também. O clímax da guerra ocorreu no início e depois se arrastou, contudo o novo governo se viu vitorioso com nova organização e novos equipamentos. Apesar da situação crítica com a grande guerra civil acontecendo em Kyushu, Okubo recebeu a Expo na mesma época para valorizar o fortalecimento das indústrias. Investiu em imagem pacífica do Japão junto à comunidade doméstica e internacional.

(4) Movimento liberal para conquista de direitos civis

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

Depois da Guerra de Seinan, não aconteciam mais as rebeliões por força militar, contudo a insatisfação com o governo persistiu e evoluiu como movimento liberal para conquista de direitos civis. Desde a restauração a velocidade da sequência das grandes reformas foi de perder o fôlego, o que naturalmente gerou o clima reacionário.

Um exemplo de insatisfação, o sistema de recrutamento militar que tem toda a população como seu público alvo, provoca repugnância entre os lavradores que não querem guerrear enquanto os bushi ficam insatisfeitos por perderem seus empregos. Essa população insatisfeita, mas que não era capaz de derrotar o governo pela força, recorreu à controvérsia e ao movimento liberal para conquista de direitos civis. Trata-se de um movimento de grande relevância através do qual os lavradores começaram a participar na política. Com o desenvolvimento dos jornais, os temas importantes de debates políticos rapidamente se disseminavam ao Japão inteiro.

Surgiam, nestas circunstâncias, pedidos por uma Constituição e criação de um Congresso nacional, e o movimento contra o governo se alastrou. O governo em parte reprimia esses movimentos, porém também trabalhou pró-ativamente para estabelecer a Constituição. Em 1889 promulgou a constituição e antes disso tinha sido estabelecido o sistema de gabinete parlamentar.

(5) Consolidação do parlamentarismo

A Constituição japonesa antes da Grande Guerra parece dar grandes poderes ao Imperador, contudo decerto o Congresso também era poderoso. Os direitos do povo são exercidos no Congresso. Os direitos do povo eram garantidos com razoável solidez. Em 1890, um ano depois da promulgação da Constituição,

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

foi realizada a primeira eleição dos deputados da Câmara Baixa bem como o primeiro Congresso. Isto aconteceu no ano 23 da Era Meiji, apenas 23 anos depois da restauração.

Eleitores eram poucos e somente homens, mas ficaram entusiasmados em poder votar. Enquanto isso, as potências europeias observavam esta situação com forte cinismo. Desconfiavam que um país não ocidental não conseguiria conduzir o parlamentarismo, porém o Japão conseguiu. Em algumas ocasiões durante eleições posteriores, houveram intervenções acirradas por parte do governo, mas de grosso modo o parlamento funcionou bem. Em apenas 9 anos desde 1890, se viu concretizado o gabinete parlamentar da oposição bem como do partido político.

Eu como presidente da JICA visitei diversos países e faz parte da minha missão ajudar a promover o desenvolvimento democrático. Faço votos para que a voz do povo seja refletida pacificamente à política.

Por outro lado, é raríssima a transferência de poder de forma pacífica apesar de fazer eleição e ter parlamento. Contudo, o Japão foi exitoso na transferência de poder em 1890. Dizem que a Constituição japonesa foi elaborada com base na Constituição alemã, no entanto, a Alemanha antes da 1ª Guerra Mundial não tinha conseguido alternar o poder pacificamente.

Um pouco depois, foi eleito um primeiro ministro do grupo derrotado do nordeste do Japão na Guerra de Boshin. É a chegada do tempo em que todas as regiões podem mandar seu candidato à eleição e um voto tem o peso de um voto.

Ampla abertura à participação popular culminou em união das forças do povo e conseqüentemente as vitórias em duas campanhas militares, Guerras Sino-Japonesa e Russo-Japonesa.

Uma curiosidade, um dos navios de guerra da marinha russa na Guerra Russo-Japonesa foi o vapor Kasato-maru que carregou os primeiros imigrantes japoneses até o porto de Santos. No final daquela guerra o navio russo então denominado Kasan foi capturado pelo Japão e daí passou a se chamar Kasato-maru. Um dos navios que fez brilhantes trabalhos na história levando os imigrantes para Peru, México e Brasil, infelizmente em agosto de 1945 foi bombardeado e afundado pelos soviéticos que participaram da guerra do oceano pacífico bem no final.

A história não costuma dar a virada brusca. A mudança é mais gradativa, as cores da Restauração Meiji vão desbotando enquanto o próximo tempo vem chegando. Entretanto, a Restauração Meiji foi marcada por grandes mudanças conquistadas, em um curto período.

(6) Emigração japonesa na Era Meiji e seu significado

A emigração dos japoneses foi o grande movimento que teve início na Era Meiji. Gostaria de analisar a Era Meiji através do aspecto imigração e abordar seus significados.

Em 11 de abril de 1868, o Xogunato Tokugawa se rendeu entregando seu principal castelo Edo. Em 25 de abril do mesmo ano, apenas 2 semanas depois, iniciou-se a história da emigração coletiva dos japoneses. O primeiro destino foi o Hawaii, o Reino do Hawaii antes de ser anexado aos Estados Unidos. A viagem era para serem trabalhadores nas plantações de cana de açúcar. A história da emigração japonesa começou junto com a Restauração Meiji.

Os trabalhadores japoneses foram à costa oeste americana via

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

Hawaii, contudo o governo americano posteriormente restringiu a entrada de imigrantes. Na mesma época, o Brasil demandava trabalhadores. No final do Século 19, foram emigrantes de várias regiões do mundo. As necessidades do Japão, a procura do destino de emigração, e as do Brasil, a demanda por trabalhadores, alinharam-se culminando na primeira leva dos emigrantes em 1908 rumo ao Brasil.

A Era Meiji, que foi o principal tema abordado até aqui. Em 1912, a nova era Taisho começou. Ishibashi Tanzan, futuro primeiro ministro e então com 26 anos de idade, disse que “O maior empreendimento da Era Meiji não foram as vitórias nas Guerras Sino-Japonesa e Russo-Japonesa ou ampliação da colonização. O mais importante trabalho da Era Meiji foram as reformas democráticas nos sistemas e pensamentos na política, direitos e sociedade.”. Consinto com esta ideia. Magnífico não foi vencer as guerras, mas sim ter transformado o país, em apenas 30 anos desde a Restauração Meiji, em uma potência que saiu vitoriosa nessas campanhas militares difíceis.

As reformas relacionadas ao estabelecimento do sistema de gabinete ministerial realizadas desde a Restauração Meiji, abriram ativamente a porta para outros países e podem ser chamadas de revolução democrática ou de promoção de recursos humanos que derrotou as classes até então detentoras de privilégios e direitos adquiridos, para que pudessem mobilizar toda a energia da população para enfrentar as potências europeias.

Um dos símbolos de manifestação da energia popular sem dúvida é a emigração dos japoneses para o Hawaii, os Estados Unidos, América Latina e Ásia onde nossos ancestrais junto aos povos de outros países se empenharam na construção de novas civilizações.

O Museu de Migração Japonesa ao Exterior da JICA Yokohama,

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

bem como o Museu de Imigração Japonesa no Brasil de São Paulo têm como sua filosofia “Vamos participar no novo mundo”. Trabalhamos para identificar o significado sob a ótica da história de civilização as contribuições de emigrantes japoneses na formação de novas civilizações, e a interação com os emigrantes de outras origens como Europa, Oriente Médio, África, entre outras.

Sr. Tadao Umesao, então diretor do Museu Nacional de Etnologia, pregou como filosofia dos 150 anos da imigração alemã no Brasil “Nós acreditamos nesta terra.”. Comparamos com esta filosofia, tentamos propiciar o significado à imigração japonesa.

Pode-se dizer que como uma das manifestações livres da energia da população japonesa no período da Restauração Meiji, os emigrantes japoneses, junto a outros emigrantes oriundos dos mais diversos lugares do mundo, participaram da construção de novas sociedades e civilizações.

Gostaria de falar de Enomoto Buyo, o homem que fez trabalhos autênticos e marcantes no primórdio da história da emigração japonesa. Enomoto era resistente ao regime do governo Meiji tendo sido um súdito do Xogunato. Após realizada a entrega pacífica do Castelo Edo, Enomoto invadiu a fortaleza Goryokaku e resistiu na batalha contra o exército do novo governo.

Foi a última batalha entre o novo governo e o antigo Xogunato. Enomoto resistiu, mas em vão, para assumir a responsabilidade decidiu suicidar-se. Nesse momento, Enomoto enviou ao novo governo os documentos preciosos sobre as leis marítimas para evitar que os mesmos fossem perdidos nas chamas da batalha. Kuroda Kiyotaka, futuro 2º primeiro ministro, os recebeu. A tropa do antigo Xogunato foi derrotada, e Enomoto foi sentenciado a 2 anos e meio de prisão. Contudo, Kuroda que foi o comandante da tropa inimiga se empenhou para poupar a vida de Enomoto. Desde então Enomoto serviu ao governo Meiji assumindo importantes

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

cargos como ministro plenipotenciário na Rússia e na China, ministro de comunicação, de educação, das relações exteriores, de agricultura e comércio, entre outros.

Enomoto sempre teve interesse em colonização fora do país e acabou fomentando a emigração ao México. O empreendimento não teve sucesso, mas sem dúvida foi um dos personagens extraordinários da época. Logo depois iniciou-se a emigração aos países latino-americanos. Enomoto abriu a porta da emigração japonesa.

(7) Conclusão

Os personagens que construíram o Estado de Meiji, principalmente Okubo Toshimichi, o líder até 1878, sucedido por Ito Hirobumi, foram os líderes diferenciados e abriram o Japão para o exterior. Mas se questionar o que era o arcabouço ou núcleo, eu responderia que eram a revolução liberal, a revolução democrática e o sistema de oportunidades por capacidade.

Vou explicar o que foi a Revolução Liberal. Na Era Edo muitas coisas eram controladas, não poderia estudar a ciência ocidental, não poderia extrapolar o status social, entre muitas outras.

Aí surgiu a vontade de viabilizar a sociedade na qual o indivíduo poderia ir para qualquer lugar e depender exclusivamente de sua capacidade. Qualquer um poderia estudar e mostrar sua competência, podendo ser promovido social e profissionalmente. Essas quebras de paradigma tiveram apelos fortíssimos à população e daí a energia do povo com a disposição entrou em ebulição.

Contudo, se interpretar a Restauração Meiji como conflito entre Satsuma e Choshu contra o Xogunato, ficaria sem explicação, por exemplo, a escolha de uma pessoa da região nordeste, que era fiel ao Xogunato, para o cargo de primeiro ministro. Todos, para

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

enfrentar a Europa, com o mesmo objetivo de se erguerem juntos, promoveram a liberalização e democratização e conseqüentemente foram construindo a estrutura na qual a promoção social depende de sua capacidade.

Quando a construção do Estado de Meiji se completou, a liberalização, democratização e o sistema de oportunidade por capacidade, estes conceitos estavam enfraquecendo e ficando engessados. Creio que estas energias começaram a ser barradas, e isso implicou em retrocesso na próxima geração... Mas hoje não vou falar sobre isso.

Neste contexto, a liberdade de estudo é importante. Conforme comentado sobre a Escola do Ogata, Teki-juku, eles competiam a ler os livros em holandês. Na escola havia só um dicionário de holandês que era superconcorrido entre os alunos. Era assim, competiam para estudar.

Com a transição para a Era Meiji, foram dadas a todos as oportunidades de educação e de ascensão social. O governo Meiji tomava a frente nessas iniciativas. Investia alto para trazer os professores de fora.

Não é fácil em um país em desenvolvimento dar educação às crianças, pois elas são mão-de-obra. Porém o Japão deu essa chance e assim formou-se o alicerce para o desenvolvimento.

Em homenagem aos 150 anos da Restauração Meiji, desde o ano passado a JICA iniciou o Programa de Estudo do Desenvolvimento Japonês. O programa traz ao Japão os futuros líderes dos países em desenvolvimento para estudarem suas especialidades, seja direito ou economia, mas é mandatório estudar sobre a história da modernização do Japão. Conhecer os sucessos e fracassos do Japão,

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

para aplicarem esse conhecimento no país de cada bolsista.

O primeiro ministro Abe está totalmente alinhado com este projeto. Tem bolsistas do Brasil estudando nas instituições adequadas.

E aqui na USP, inauguramos a “Cátedra Fujita-Ninomiya” que dará a sinergia ao programa de Parceria de Pós-Graduação para Desenvolvimento que já acontece no Japão.

A Cátedra Fujita-Ninomiya visa formar os futuros líderes que irão conduzir o desenvolvimento do Brasil e da América Latina. Os participantes serão convidados ao Japão onde aprenderão sobre a modernização do país, que aconteceu de maneira diferente dos países europeus, bem como os conhecimentos acumulados de um país que vem realizando, depois da Grande Guerra, os projetos de cooperação de desenvolvimento a outros países.

Trata-se de um programa para aprender sobre a caminhada do Japão e conhecer profundamente o país. Espero que os líderes formados por este programa se tornem os conhecedores simpáticos ao Japão e, ao retornar a seu país, atuem como verdadeiros líderes para que a relação bilateral seja fortalecida e mantida a médio e longo prazo. A boa relação bilateral exercerá importante papel para a comunidade global e os formados desta cátedra irão atuar como os líderes no nível internacional.

O Japão se desenvolveu com base na educação e é um país que teve maior êxito na modernização além dos países europeus. Ao mesmo tempo, é o país que tem tido maior êxito na Assistência Oficial de Desenvolvimento (AOD). Naturalmente temos também fracassos no processo de modernização e em projetos de AOD. Contudo, acreditamos que, baseado nas lições aprendidas com os fracassos, experiências e o acúmulo de conhecimentos, o nosso país

Palestra Comemorativa da Inauguração da “Cátedra Fujita-Ninomiya”
(Universidade de São Paulo, Brasil)

tem que liderar quando o assunto é desenvolvimento dos países em desenvolvimento. As pessoas tendem a estudar na Inglaterra quando o tema é desenvolvimento, porém recomendo optar pelo Japão.

5. 【Para encerrar】

Em 2017, a JICA definiu sua nova Visão “Unindo o mundo com os laços de confiança”. Pois a confiança é o conceito que permeia a cooperação japonesa para o desenvolvimento.

Através de cooperação baseada na empatia, procuramos sempre cultivar a confiança com os parceiros da contrapartida estrangeira. Procuramos identificar e aproveitar a potencialidade que as pessoas, os países e as empresas possuem intrinsecamente, em prol da construção do mundo livre, pacífico e próspero onde as pessoas podem acreditar no futuro feliz e buscar as possibilidades mais diversas.

E a JICA continua a contribuir na construção do mundo onde as pessoas e os países se conectam com a confiança.

Europa, Oriente Médio, África, Américas, Ásia e o Japão. Do mundo inteiro, muitas pessoas de contexto cultural diferente se reuniram e se conectaram com a confiança aqui no Brasil. E aqui inauguramos a “Cátedra Fujita-Ninomiya”.

Faço meus sinceros votos para que o ideal dos Srs. Fujita e Ninomiya em prol do fortalecimento da relação entre o Brasil e o Japão, bem como das amizades entre o Japão e a América Latina, seja sucedido para sempre.

FIM